

4. O dinamismo do “já” e do “ainda não” na Igreja peregrina

O dinamismo da Igreja peregrina é marcado pela espera na plenitude escatológica das promessas messiânicas. A comunidade cristã vive, continuamente, à espera dos bens futuros. Essa esperança não comporta um comodismo, uma vida tranquila e irresponsável. Ao contrário, pressupõe um dinamismo que implica uma constante renovação. Na verdade, esse dinamismo sugere a luta contra tudo que constitui empecilho para a realização da missão da Igreja, sinal escatológico da plenitude da salvação. O dinamismo é a luta contra o “mal”; uma contínua vigilância em vista do fim da Igreja, que vive imersa na tensão escatológica do “já” e do “ainda não” da plenitude da esperança²⁵².

A Igreja vive essa contínua caminhada para Deus e, nela, seu povo caminha em meio à esperança de “já” viver o início desses dons, na realidade concreta da Igreja; mas, ao mesmo tempo, “ainda não” os possui plenamente, porque a Igreja vive ainda entre as figuras deste mundo que passa. Em outras palavras, ela vive em peregrinação à casa do Pai. Dessa maneira, pode-se intuir que a presença dessa tensão escatológica entre “já” ser atingida pela graça, mas “ainda não” possuí-la plenamente, é o motivo de sua índole escatológica; e, ao mesmo tempo, a raiz do seu dinamismo. O núcleo dessa realidade, sem sombra de dúvida, é a presente relação entre o “já” e o “ainda não”; o entrelaçamento entre a missão e o fim da Igreja. O modo como se configura tal relação é o que tentaremos explicar ao longo deste trabalho.

A tensão entre o “já” e o “ainda não” exprime, com muita propriedade, a índole escatológica do Povo de Deus, que o Concílio apresentou no sétimo capítulo da *Lumen gentium*. A perspectiva do “já” e do “ainda não” da esperança futura, que os padres conciliares desejaram vislumbrar, coloca a Igreja em constante referência com o fim da história salvífica. O Povo de Deus, segundo o

²⁵²Cf. PHILLIPS, Mons. G. *A Igreja e seu mistério*. op. cit., pp. 480-484.

Concílio, já vive esse último tempo da história, na última etapa da esperança, rumo ao cumprimento definitivo. Nesse sentido, os batizados “já” participam do tempo final, em que se completará e se consagrará a vitória definitiva de Cristo²⁵³.

Tal tensão, entre o “já” e o “ainda não”, implica, no Povo de Deus, uma índole escatológica, que é dialética para o futuro, como consequência inevitável de sua natureza. Isso leva a acreditar que a esperança nos bens futuros é uma tensão vital, tanto na vida dos fiéis como na realidade da Igreja enquanto *congregatio fidelium*. Esse dinamismo da vida da Igreja provoca um mover escatológico entre o estar na graça e o desejá-la plenamente; entre o anunciar a boa nova e o realizá-la na fé, como antegozo da plenitude da esperança. Desta forma, neste capítulo, dois elementos precisam ser estudados: como se apresenta a tensão entre o “já” e o “ainda não” na vida cristã, e especificamente como se configura essa relação na Igreja.

4.1. A tensão diante do “já” e do “ainda não”, como caráter essencial da índole escatológica da Igreja peregrina

O primeiro parágrafo do sétimo capítulo da *Lumen gentium* começa com uma afirmação muito profunda acerca da natureza última da Igreja, pois atesta que ela é chamada à santidade pela graça de Cristo, na força do Espírito Santo²⁵⁴. Tal nota toma sua relevância para a pesquisa, uma vez que a tensão do ser chamado a viver na graça comporta um “já” anteciper, de certa forma, a salvação esperada. O “já” da promessa é realidade concreta e real. Não é apenas uma espera, mas sim um viver frutos plausíveis da salvação esperada, mas, ao mesmo tempo, essa tensão carrega um “ainda não”, pois esse “já” está inserido numa esperança: a plenitude da salvação. A vida da Igreja peregrina no “ainda não” comporta tudo o que estar reservado para o futuro. Esse itinerário entre o chamado a buscar Deus

²⁵³ Cf. DULLES, A. *A Igreja e seus Modelos, Apreciação crítica da Igreja sob todos os seus aspectos*. São Paulo: Paulinas, 1978, pp. 115-117.

²⁵⁴ cf. LG 48a.

e, ao mesmo tempo, o saborear seu convívio, faz parte do denominado “núcleo duro da escatologia”²⁵⁵ do Concílio Vaticano II. Essa tensão é seu caráter essencial e motivo existencial da índole escatológica da Igreja.

A Igreja peregrina constitui o caminho pelo qual a humanidade vive sua vocação e seu chamado à santidade. Ela é sinal e instrumento da íntima relação com o Senhor. Sendo esta Igreja sinal, configura-se, para todos, como que sacramento de salvação por Cristo no Espírito Santo. Nesse sentido, é *congregatio fidelium* em Cristo, ou seja, Corpo de Cristo, na força do Espírito Santo, que congrega seus membros, unindo-os a Deus, realizando sua missão de sinal escatológico da vida futura, à espera de que, um dia, todos sejam um só rebanho e tenham um só pastor²⁵⁶.

O Povo da Nova Aliança leva, em seu íntimo, a índole escatológica, pois vive a última fase da história da salvação e carrega consigo a experiência de “já” experimentar a salvação de modo imperfeito. Disso, pode-se notar que todos os fiéis peregrinos neste mundo possuem uma particularidade: de ser um povo com referência para o futuro, para o *Éschaton*. O Povo de Deus é, neste sentido, coerdeiro em Cristo, pela força do Espírito Santo, daquilo que o Pai prometeu a toda a humanidade. Por isso, participa desde “já” da última realidade, e espera a plenitude da salvação “ainda não” realizada.

O caráter essencial da índole escatológica da Igreja peregrina anunciada pelo Magistério conciliar consiste, então, no fato da Igreja, caminhando entre as figuras deste mundo que passa, ser “já” um referencial seguro da realidade que está por vir. Ela é mistério que aponta e, ao mesmo tempo, “já” vive, mesmo que limitadamente, aquilo que anuncia.

²⁵⁵ Por núcleo duro, desejamos enfatizar aquilo que é mais radical na escatologia, ou seja, a sua origem ontológica. Na estrutura desta escatologia, está a tensão, em que o “já” e o “ainda não” encontram seu lugar. A índole escatológica, enfatizada pelo sétimo capítulo da *Lumen gentium*, demarca, com precisão de artesão, a confluência entre a promessa e a realização, entre o acontecimento histórico e a consumação escatológica. É aqui se encontra nossa compreensão da escatologia conciliar no seu núcleo duro: uma salvação presente em mistério, que a cada dia vai-se desvelando em forma sacramental até o dia consumação final.

²⁵⁶ Cf. KEHL, M. *A Igreja*, op. cit., p.86.

Essa referência ao futuro esperado, desperta, em cada fiel, um constante desejo em buscar as coisas do alto, e viver de tal modo insatisfeito com as estruturas deste mundo. A tensão entre o “já” e o “ainda não” gera, na vida cristã de cada fiel, uma tendência escatológica, que penetra todas as dimensões da vida cristã.

4.1.1. A tensão escatológica do “já” e do “ainda não” na vida cristã

Cristo, descendo do céu, veio unir novamente o ser humano a Deus, trazendo-lhe vida nova e tornando-o participante da realidade divina. Pelo batismo, em nome da Trindade, o fiel é inserido na eternidade de Deus, fazendo parte dos chamados à vida de santidade, que subjaz da experiência cristã. Essa nova realidade, inerente ao mistério pascal de Cristo, nem sempre é compreendida com clareza pelo Povo de Deus. Muitos ignoram que tal união com Cristo na terra “já” é participação do mistério glorioso, mesmo que “ainda não” plenamente. Para *P. Molinari*, há uma falta de entendimento, por parte de alguns membros da Igreja, do valor real que significa essa união com Deus na vida concreta. Para ele

*“ não é com a mesma clareza que todos consideram que participar da vida de Deus significa concretamente participar da vida gloriosa do Senhor; que estar unidos ao Filho de Deus significa estar unido ao Cristo ressuscitado; que ser membro de sua Igreja quer dizer ser membro do Corpo Místico do Senhor ressuscitado ”*²⁵⁷.

Tentando resolver esse problema, o Concílio relembra a todos os fiéis que a Igreja, para a qual somos todos chamados em Cristo e na qual, pela graça de Deus, adquirimos a santidade, “já” vive, de certa forma, por meio de seus sacramentos e instituições, aquilo que anuncia. *“A prometida restauração que esperamos, já começou em Cristo, é levada adiante na missão do Espírito Santo e, por Ele, continua na Igreja”*²⁵⁸. Essa afirmação toca, diretamente, a índole da

²⁵⁷ Cf. MOLINARI, P. “A Índole Escatológica da Igreja Peregrinante e suas Relações com a Igreja Celeste”. op. cit., p. 1136.

²⁵⁸ LG, 48b.

vocação Cristã, pois apresenta o sentido, mais íntimo, da existência cristã: ser sinal da presença de Cristo no mundo.

Como falamos, a Igreja, Povo de Deus, que coexiste na chamada última etapa da história da salvação, possui, por isso mesmo, uma natureza escatológica, pois, sendo deste mundo limitado e passageiro, está referida ao eterno e ilimitado, isto é, ao infinito de Deus. Assim, ela vive entre as criaturas que gemem e choram, mas têm a consciência de que sua pátria não é aqui: sua morada é a Jerusalém do alto. A relação estreita entre a realidade esperada e a vida concreta encontra seu ponto comum no fato da Igreja peregrina ser herdeira do Reino, e “já” participar, de certa forma, da última fase da história salvífica. Neste sentido, todo Povo de Deus carrega um indiviso paradoxo: a vida cristã é uma espera dinâmica pela consumação futura, uma tensão escatológica entre tudo o que “já” iniciou no tempo da Igreja e tudo o que ainda se consumará. Essa tendência escatológica implica a índole escatológica nos fiéis como caráter fundamental.

Vale ressaltar que a índole escatológica é, antes de tudo, vivida pelos seus membros que, pela iniciação no Mistério Pascal, se tornam cordeiros de Cristo. Neste sentido, a tensão entre o “já” e o “ainda não” da plenitude das promessas deixa-se transparecer na vida de cada fiel em Cristo, isso para que, chamados à vida cristã, estarmos com o Senhor e, estando com Ele, vivermos na santidade.

É importante verificar como aparecem, na vida cristã, esses elementos da salvação “já” iniciada na vida da Igreja. Esse chamado a ser santo não é uma coisa para o futuro, mas, sim, experiência para o hoje da história. Isso porque a santidade é marca da vida cristã. Um cristianismo que não produz santidade de vida, justiça, amor e paz é considerado estéril e infrutífero. Por isso, cada membro de Cristo é convocado a buscar viver ao máximo a vida nova, reservada à consumação final.

4.2. Viver “já” em Cristo a vida nova

Os membros da Igreja, unidos a Deus, pelo vínculo com Cristo no Espírito Santo, são chamados a viverem em Deus, e, com Ele, constituírem relação. Tal constatação possui uma forte relevância, quando colocada em relação com a índole escatológica, pois significa dizer que cada ser humano, enquanto membro dessa *congregatio fidelium*, é chamado a realizar, na sua existência mortal, a vida escatológica da Igreja, até o ponto de chegar a ser um-com-Deus²⁵⁹.

No chamado a viver em Cristo, o ser humano comporta, na sua vida cristã, uma tendência escatológica de “já” unir-se a Cristo, pela vivência da fé e pela esperança, na certeza dos bens futuros. Essa tendência sustenta, impele e anima toda a vida cristã, que anela encontrar o Senhor, descobrir sua face amorosa e permanecer com ele por toda a eternidade. Isso acontece exatamente porque, como afirmou o Concílio Vaticano II, a Igreja é chamada, em Jesus Cristo, a viver intimamente unida a Deus²⁶⁰.

Todo impulso dessa índole escatológica é vivido nos diversos contatos com Deus, mediante os sacramentos e as orações litúrgicas. Na verdade, inseridos na vida com Cristo pelos sacramentos da iniciação cristã e, por meio deles, morremos em Cristo, para renascermos n’Ele, fazendo, desde já, a experiência da salvação. Por esse vínculo, o Senhor torna-nos partícipes do seu Espírito, e comunica-nos a santificação futura²⁶¹.

Essa alusão a Cristo pressupõe uma busca constante da santidade, pois o fato de sermos chamados a viver com Cristo implica “já” participarmos da vida da graça, mesmo que “ainda não” plenamente, porque caminhamos na história e somos atingidos pelas limitações inerentes ao tempo da nossa peregrinação. É na

²⁵⁹ Cf. Lina BOFF. “Índole Escatológica da Igreja Peregrinante”. op. cit., pp. 10-11.

²⁶⁰ O número 48 a *Lumen gentium* chama atenção para a consciência que deve ficar enraizada na *mess* de cada cristão: a Igreja, com todas as suas limitações, é sinal e sacramento da íntima união de todo gênero humano em Cristo. Essa compreensão trouxe à tona a real identidade e missão da Igreja. Sua índole escatológica revela seu horizonte definitivo.

²⁶¹ Cf. MOLINARI, P. “A Índole Escatológica da Igreja Peregrinante e suas Relações com a Igreja Celeste”. op. cit., p. 1136.

compreensão da índole escatológica da Igreja que entendemos a nossa vinculação real na vida de Cristo, pois, o “já” iniciado da última etapa da história salvífica sugere a índole escatológica nos fiéis em Cristo. Essa participação deve constituir-se num caminho de santidade, no qual a vida cristã, trilhando-o una-se, intensamente, a Jesus e revele, ao mundo, sua vocação de ser, verdadeiramente, justificada e santificada, de participar da luz e da força do Senhor que ilumina a face da terra, mesmo que imperfeitamente.

Aqui subjaz uma responsabilidade em cada pessoa batizada. O Povo de Deus torna-se responsável por apresentar Cristo visível ao mundo. Cabe a cada membro realizar, na vida, as manifestações da Boa Nova. A coerência cristã com relação ao amor a Deus e o amor aos irmãos não pode ser uma ideal gnóstico, mas deve transformar-se em exigência e princípio categorial, balizador da caminhada dos fiéis em Cristo.

4.2.1. A santidade como marca fundamental da vida cristã

Na participação da vida de Cristo, adquirimos a santidade, que constitui um dom gratuito de Deus aos seres humanos. A existência cristã é, portanto, esse chamado constante a estar em uma vida santa. “*A santidade é testemunhada por uma existência esperançosa e por uma vida integrada pelo anúncio de Jesus e pela prática que Ele nos deixou, na dinâmica do Espírito Santo*”²⁶². A santidade não é outra coisa senão o desenvolvimento supremo da graça batismal. É comunhão com Cristo no próprio ato da sua morte e ressurreição, na sua páscoa, como ensina o Concílio Vaticano II, no número 104 da *Sacrosantum concilium*²⁶³.

A santidade é, por assim dizer, a vocação, na qual todos são chamados a viverem²⁶⁴. Ser santo como Deus (cf. 1Ts 4,3; Ef 1,4) e participar da vida da

²⁶² Lina BOFF. “Índole Escatológica da Igreja Peregrinante”. op. cit., p.12.

²⁶³ Cf. JOUNEL, P. *Culto aos Santos*. op. cit., pp. 1110-1120.

²⁶⁴ LG, 39.

graça são sinais da comunidade que “já” vive a experiência da salvação. Por isso, tornar-se santo incide como tarefa para cada dia. Esta vocação à santidade, à qual a Igreja e todo cristão são impelidos, brota do cumprimento da vontade de Deus em santificar o mundo (a família, a comunidade), a fim de que Ele seja tudo em todos.

Assim, a santidade é um modo especial de viver a vida nova, construindo um horizonte transfigurado, em que o ódio, a inveja, a injustiça e a violência dão lugar ao amor, à justiça, à misericórdia e à paz. Por isso, buscar a santidade é viver em constante tensão; em luta interior contra as forças do antirreino. A santidade neste sentido não é passiva, mas dinâmica; não significa ficar ocioso, esperando tudo cair do céu; nem é ilusão paradisíaca, com um retorno sem esforço ao “jardim original”. A santidade manifestada na vida cristã pela tensão escatológica, do “já” e do “ainda não” da plenitude da salvação, versa na abertura aos apelos de Deus, presentes nos sinais dos tempos. A santidade, antes de tudo, responde a uma vocação sublime de realizar “já” aqui na terra as sementes do reino. Neste sentido, a santidade é “já” uma participação na intimidade com Deus, um saborear as delícias da vida futura. A santidade é prova da fecundidade da comunidade cristã²⁶⁵, porque uma comunidade viva produz santos.

A santidade na perspectiva do “já” e do “ainda não” é apresentada pelo Concílio como elemento inerente à índole escatológica da Igreja. É uma *“realidade vital e dinâmica que aponta para a plenitude humano-divina e realiza esta plenitude, no definitivo da vida que passa do estágio humano para o nível da santidade em Deus como visão beatífica”*²⁶⁶.

A santidade que “já” experimentamos na vida presente não é privilégio reservado aos que sobem aos altares. Ser santo, na visão conciliar, é exigência comum a todos os batizados. Por isso o Concílio conclama todo cristão a viver

²⁶⁵Cf. DUQUE, B. J. “Universal vocación a la santidad en la Iglesia”. In: GONZALEZ, C. M. *Comentarios a la Constitución sobre La Iglesia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1966, pp. 744-753.

²⁶⁶Lina BOFF. “Índole Escatológica da Igreja Peregrinante”. *op. cit.*, p. 13.

uma vida de santidade²⁶⁷. Cada pessoa participa da vida de Cristo pelo batismo, e é inserida na santidade do Mestre, por meio do Espírito Santo, que habita cada ser humano. Todavia, “*a santidade evidenciada pelo padres conciliares não é uma conquista individual, mas se constrói na comunidade de fé que é a Igreja do ressuscitado*”²⁶⁸.

É interessante observar que os cristãos, desde as primeiras comunidades, eram chamados de santos²⁶⁹. Paulo, assim, denominava aqueles que abraçavam a fé e viviam segundo os preceitos de Cristo. A Igreja dos batizados em Cristo, onde habita o Espírito Santo, chama-se com toda certeza comunidade dos santos, pois todos são santificados em Cristo para formar uma nação santa, um povo sacerdotal que santifica o mundo (cf. 1 Pd 2,5) e faz transparecer o esplendor da santidade de Deus. A santidade, portanto, é marca indelével do cristão e implica a índole escatológica porque, vivendo peregrinamente neste mundo, ela caminha rumo à plenitude da santidade.

4.3. A realidade “já” iniciada implica a índole escatológica em cada fiel

A Igreja, como sinal escatológico da plenitude da esperança, torna-se caminho que une cada pessoa em Cristo em vista da esperança futura. Neste sentido, ela se configura como um povo em marcha para o Senhor. Por isso, ela constitui “já” nessa história o início do futuro, que se realiza em cada pessoa, que abraça a fé cristã.

²⁶⁷ O quinto capítulo da *Lumen gentium* atesta que todos são chamados à vocação universal à santidade e, por meio dela, a habitar na graça de Deus. Com isso, o Concílio deixa claro que a vocação à santidade faz parte da raiz última da Igreja. Santos não são somente aqueles que são reconhecidos oficialmente pelo Magistério infalível do Romano Pontífice. Santo é todo aquele que, na Igreja, segue fielmente Jesus Cristo, que vive segundo a Lei do amor, que pratica a justiça e busca promover a paz universal.

²⁶⁸ Lina BOFF. “Índole Escatológica da Igreja Peregrinante”.op. cit., p. 13.

²⁶⁹ Nas cartas de São Paulo por diversas vezes encontramos o termo “santo” sendo aplicado aos cristãos. A vida cristã, portanto, era vislumbrada como uma vida mergulhada na santidade de Cristo. Ser santo conjugava-se com seguimento de Cristo. Cf. 1Cor 1,2; Ef 1,4; Cl 1,22.

Pode-se notar, a partir da natureza da Igreja, que existe uma tensão escatológica na vida cristã, pois cada fiel como membro do Povo de Deus vive à luz dessa esperança, “já” iniciada na existência histórica da comunidade de fé. O fundamento do cristianismo, ou seja, a real participação na graça salvífica, deriva da tensão dialética que caracteriza a nossa existência de peregrinos: porque “já” sendo justificados e santificados, participamos da força e da luz de Jesus, ao mesmo tempo em que somos guiados pelo Seu Espírito e sustentados pelo Seu corpo. Todavia o Concílio alerta-nos que trazemos tudo isso revestido em meio a fraquezas e limitações²⁷⁰.

O “já” iniciado da última etapa da história da salvação comporta uma tensão escatológica em cada fiel, pois a Igreja, estando entre a primeira vinda e a espera da volta do Senhor, “já” experimenta as primícias do Espírito e da graça, mas ainda aguardando a sua realização final.

Unidos, pois a Cristo, na Igreja, e marcados pelo selo do Espírito Santo, ‘que é o penhor da nossa herança (cf. Ef 1,14), chamamo-nos e na realidade somos filhos de Deus (cf. 1Jo 3,1), mas não aparecemos ainda com Cristo na glória (cf. Cl 3,4), na qual seremos semelhantes a Deus, porque O veremos tal como Ele é (cf. 1Jo 3,2)’²⁷¹.

A índole escatológica da vida cristã exprime, portanto, a relação com Deus, porque estamos unidos a Deus pelo vínculo do Espírito Santo, que habita em nós. Essas relações, porém, só as sentimos por meio de mediações sacramentais. Sentimos o mistério e o tocamos como que às apalpadelas e quando o vemos é sempre confusamente.

Nossa condição de membros da Igreja peregrina é muito complexa, pois “já” estando dentro da etapa de realização das promessas, “ainda não” a possuímos plenamente. Vivemos num estado de graça e santidade, porém na espera da realização final. “Já” estamos de posse, de certa forma, dos privilégios, porém, limitadamente. Nessa perspectiva, *Mons. G. Philips*, afirma que nossa situação de Igreja peregrina é muito difícil de comensurar, porque possuímos e

²⁷⁰ Cf. MOLINARI, P. “A Índole Escatológica da Igreja Peregrinante e suas Relações com a Igreja Celeste”. op. cit., pp. 1136-1137.

²⁷¹LG, 48d.

não possuímos, ou seja, possuímos, mas ainda nos falta alcançar a totalidade desejada e prometida²⁷².

Os membros da Igreja “já” são unidos a Deus e Ele “já” habita neles, mas, como afirma São Paulo, o que se vê é ainda de forma enigmática como que em um espelho (cf. 1Cor 13,12). A índole escatológica da vida cristã é, portanto, dialética entre a posse limitada e a promessa da plenitude. A situação dos batizados é desejar a eternidade, querer morar nas alturas celestes, mas permanecerem presos à terra, marcados pela corporeidade que os estreita no horizonte finito²⁷³.

O Concílio deixa entrever que o reconhecimento desta finitude, antes de ser uma referência negativa e pessimista, consiste em uma tomada de consciência da realidade da vida de cada fiel no seio da comunidade de fé. A situação de ser “já” sinal do reino, e, ao mesmo tempo, não ter posse plena dele, faz cada batizado buscá-lo ardentemente. Saber que tudo que se tem nem se compara com as alegrias que nos esperam faz acreditar na força da vida, na valorização das pessoas, na promoção da justiça e na construção da paz, elementos essenciais da vida nova.

Essa tensão para a esperança plena perfaz a vida cristã, implicada na índole escatológica em cada fiel, pois todos os membros vivem à luz dessa realidade-esperança. Os membros do Corpo Místico de Cristo, que constituem o Povo de Deus em marcha, vivem destinados ao fim, ou seja, vivem referenciados, pela índole escatológica, ao cumprimento final em Cristo²⁷⁴.

²⁷² Cf. PHILLIPS, Mons. G. *A Igreja e seu mistério*. op. cit., pp. 479-480.

²⁷³ Pode-se notar que a tensão escatológica apresentada pelo *Lumen gentium* possui uma dinâmica interna, pois ao mesmo tempo que a Igreja é apresentada como sinal da realização da promessa, ela é também proposta como um caminho, uma realidade peregrinante, porque a realidade da *congregatio fidelium* é “já” participar da salvação, mas “ainda não” ter posse da plenitude da redenção. A análise, portanto, desta característica não pode ser simplória e imediata. Deve levar-nos à meditação e à contemplação, a fim de extrair desta dialética o sentido último da nossa existência cristã. KOCLEGA, J. *L'indole Escatologica della chiesa: La prospettiva “già e non ancora” della pienezza del nuovo popolo di Dio nel capitolo VII della Lumen gentium*. op. cit., pp. 29-33.

²⁷⁴ É importante notar que essa realidade “já” iniciada constitui o escopo escatológico que sustenta a dialética da vida cristã. Somos impelidos a nos elevar para onde está Cristo cabeça, pois onde está a Cabeça para lá se encaminha o corpo, isto é, a Igreja. O fato de “já” sermos justificados e santificados nos faz “já” participarmos da luz e da força do Senhor, que ilumina e sustenta, pelo

Para atestar que o povo de Deus vive mergulhado nesta tensão escatológica, o próprio Jesus os alimenta na caminhada, com seu Corpo e seu Sangue, que os fortalece e sustenta na busca fiel da salvação. A Eucaristia é, neste sentido, penhor seguro da plenitude da salvação. Todavia essa participação da glória de Jesus, aqui na Igreja peregrina, não significa tomar posse da salvação. Essa participação, por sua vez, garante e sustenta que “já” somos filhos de Deus em Cristo; que como membros da Igreja, “já” fazemos parte do Corpo Místico de Cristo e temos “já” os frutos dos primeiros dons do Espírito (cf. Rm 8,23).

Pode-se, então, dizer que os membros da Igreja peregrina, enquanto participantes da gloriosa realidade de Jesus Cristo, são verdadeiramente herdeiros, mesmo que essa herança seja dada defectivamente, em figuras e sinais escatológicos²⁷⁵. Por isso “*enquanto habitamos no corpo, vivemos no exílio, longe do Senhor*’ (2 Cor 5,6) e apesar de possuímos as primícias do Espírito, gememos dentro de nós (cf. Rm 8,3) e suspiramos por estar com Cristo (cf. Fl 1, 23)”²⁷⁶. É próprio da vida cristã o desejar a visão beatífica. Como dizia Agostinho, nosso coração fica inquieto enquanto não repousa no Senhor.

Essa graça divina que permeia a vida da Igreja peregrina configura-se como um impulso vital que leva cada membro a preparar-se para a consumação definitiva em Cristo. É, neste sentido, que se afirma o “já” iniciado da plenitude da esperança como índole escatológica em cada fiel, pois, unidos com Cristo na Igreja, “já” se experimenta a graça da herança dos chamados de filhos de Deus (cf. 1Jo 3,1), mesmo que ainda não se tenha manifestado tudo o que seremos na glória (cf. Cl 3,4). Isso porque a realidade que nos espera é incomparavelmente maior que a figura do tempo presente (cf. Rm 8, 18)²⁷⁷.

Espírito Santo toda nossa caminhada, rumo à consumação de nossa fé. Porque “já” participamos e desejamos alcançar a plenitude daquilo que experimentamos em sinais. Cf. SCANZILLO, C. *La Chiesa, sacramento di comunione*, Roma: Paoline, 1992, pp. 330-332.

²⁷⁵ Cf. MOLINARI, P. “A Índole Escatológica da Igreja Peregrinante e suas Relações com a Igreja Celeste”. op. cit., pp. 1137-1139.

²⁷⁶ LG, 48d.

²⁷⁷ Cf. LG 48d.

4.3.1. O “ainda não” da plenitude da esperança provoca a índole escatológica em cada fiel

Na realidade da Igreja peregrina, submerge uma tensão escatológica, pelo fato de nela “já” se iniciar a última etapa da salvação, mas, ao mesmo tempo, esperar a consumação da plenitude da esperança, que “ainda não” se realizou. Isso acontece, porque o Povo de Deus é um povo em marcha, que caminha para a plenitude em Deus. A vida de cada membro, neste sentido, é, marcadamente, uma peregrinação para a consumação, derradeira, na pátria celeste, onde está o Deus Uno e Trino.

A fundamental realidade escatológica da Igreja coloca cada cristão dentro da dinâmica do futuro que os aguarda. Os membros da Igreja Povo de Deus vivem guiados pelo sentimento de incompletude, de ausência e, por isso, anelam estar na pátria celeste, onde se encontram as verdadeiras alegrias. Esse impulso vital para Deus não é alienante e descompromissado: é, antes de tudo, um caminhar com e para Deus, buscando construir, no concreto da vida, as condições para que venha logo o Reino do Senhor. As ações cristãs têm, neste intento, um forte peso de responsabilidade, com relação à visibilidade da presença da graça na vida humana²⁷⁸. O “ainda não” realizado impele o Povo de Deus a permanecer atento e vigilante para o dia da consumação final. Por essa razão, a plenitude da graça, “ainda não” alcançada, mas prometida, coloca o cristão na tensão entre o labor e o louvor para a construção do Reino. Desta forma, pode-se falar da tensão escatológica na vida de cada fiel. Porque toda atividade pessoal para o Reino está vinculada a essa dialética do “já” e do “ainda não”. Assim, a realidade da Igreja peregrina, que “ainda não” é a do fim último, provoca, na vida cristã, uma índole escatológica, como direcionamento seguro e firme que aponta à etapa final.

A tensão escatológica imprime um dinamismo motor que impulsiona os membros da Igreja a não pararem no tempo, e sim buscarem todo dia estar mais

²⁷⁸Cf. GABÁS, R. “Índole Escatológica de la Iglesia peregrinante y su unión con la Iglesia Celestial”. op. cit., pp. 907-909.

perto do Senhor. A renovação da Igreja, seu desenvolvimento histórico e seu itinerário escatológico, dependem desse reto entendimento do “ainda não” da plenitude da salvação. Somente, neste horizonte, é que a condição atual de nossa vida toma sentido de existir. Somente na consciência do “ainda não” consumado é que a vida cristã desabrocha e se enche de significado. Neste sentido, o “ainda não” torna-se exigência lógica da época final da história, começada em Cristo e continuada na Igreja peregrina.

Com isso, desejamos esclarecer que a salvação não se consome nem se esgota no irromper da época salvífica, mas esta época orienta-se para um objetivo mais profundo: dirige-se para a consumação plena. E porque esse “já” iniciado não esgota a totalidade da salvação, encontramos elementos suficientes para acreditar na esperança da salvação final, na vitória do amor contra o ódio, em fim na vitória da vida. *“Só a expectativa da ação escatológica futura nos dá, na atualidade obscura em que vivemos, a certeza de que a ação salvífica de Deus não se contenta com o imperfeito, o passageiro e o obscuro, mas se orienta para o definitivo e o luminoso da revelação”*²⁷⁹.

O “já” iniciado tem abertura profunda, que orienta para um futuro e determina uma atitude de vida no presente. Conscientes da esperança, que o chamamento de Cristo oferece, o Povo de Deus lança sua vida na certeza da salvação. E diz como Paulo: *“Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim”* (Gl 2,20). Essa certeza, “já” iniciada, orienta a caminhada para o “ainda não” consumado²⁸⁰.

Como a realidade do Povo de Deus comporta um “ainda não” possuir a plenitude da salvação, a vida dos membros da Igreja peregrina admite uma contínua caminhada de esperança para o final em Cristo. Nesse contexto, o sétimo capítulo, da *Lumen gentium*, atesta que a vida peregrina neste mundo tem um

²⁷⁹KÜNG, H. *La Iglesia*. op. cit., p. 101.

²⁸⁰ Cf. MOLINARI, P. “A Índole Escatológica da Igreja Peregrinante e suas Relações com a Igreja Celeste”. op. cit., p. 1139.

caráter de caminho para o definitivo, no qual os membros da Igreja encontram nela os meios de atingirem seu fim²⁸¹.

Fica evidente, até aqui, que a realidade do Povo de Deus não é, ainda, a etapa definitiva: a Igreja peregrina não constitui o ponto de chegada; ela não corresponde à realidade última. Por isso mesmo, a vida dos fiéis é uma estrada aberta à plenitude da realidade e, nessa tensão escatológica, encontra-se cada membro entrelaçado por essa índole. A vida cristã, com suas exigências, marca a trajetória da comunidade, e, por isso, a salvação encerra um duplo empenho: uma dedicação pessoal em construir na própria existência o itinerário para a plenitude e, por outro lado, uma atenção coletiva porque, enquanto membros convocados para a salvação, somos eleitos como o Povo de Deus, portanto, como Igreja. Assim, o que se faz como indivíduos isolados, influencia a totalidade concreta da vida da Igreja. Não existe, na fé, ação totalmente autônoma, sem ligação com a totalidade da comunidade. A esperança da plenitude da salvação implica uma corresponsabilidade de todos os que são de Cristo²⁸².

Percebemos que a tensão escatológica em cada fiel nasce da realidade do “já” e do “ainda não”, presentes na esperança cristã²⁸³. A vida dos membros da Igreja é uma espera da etapa última, ou seja, a espera na segunda vinda de Senhor. Essa esperança é singular, porque nela está a confiança na promessa da imortalidade, da felicidade e da vida plena, que consiste em possuir a graça plenamente²⁸⁴. O Povo de Deus, mediante essa tensão escatológica vital, exprime sua vitalidade na força do Espírito Santo, todas as vezes que trabalha para a edificação da cidade celeste, através de gestos promotores de justiça, paz e amor, sinais visíveis dos tempos messiânicos²⁸⁵. E “*como não sabemos o dia nem a hora, devemos vigiar constantemente, segundo a recomendação do Senhor*”²⁸⁶.

²⁸¹ Cf. LADARIA, L. F. “Fim do homem e fim dos tempos”. In: B. SESBOÛÉ, SJ, *O homem e sua Salvação*, col. História dos Dogmas, vol.2, São Paulo: Loyola, pp. 390-293.

²⁸² Cf. FORTE, B. *La Chiesa nella Eucaristia*. Napoli: D'Auria, 1975, pp. 351-355.

²⁸³ Cf. *Ibid.*, pp. 354-356.

²⁸⁴ Cf. POZO, C. *Teología de lo más allá*. op. cit., pp. 538-545.

²⁸⁵ Cf. KOCLEGA, J. *L'indole Escatologica della chiesa: La prospettiva “già e non ancora” della pienezza del nuovo popolo di Dio nel capitolo VII della Lumen gentium*. op. cit., pp. 39-46.

²⁸⁶ LG, 48d.

Assim, a tensão escatológica implica, em cada fiel, um agir em função do Reino, um vivenciar “já”, no presente, os elementos da esperança última.

Nesta linha de pensamento, a dimensão escatológica da Igreja está, concomitantemente, envolvida na realidade de cada membro da comunidade de fé, como bem afirmou o *Papa Bento XVI* na encíclica *Spe Salvi*, acerca das realidades últimas. Para o Romano Pontífice, essas realidades são objetos de nossa esperança e constituem realidades vividas, de certa forma, “já” aqui no presente, como fé pessoal, comunitária e social. Para ele, o “ainda não” deve ser “já” antecipado na realidade concreta da Igreja, pois o cristianismo, afirma o *Sumo Pontífice*, não é informativo, mas performativo²⁸⁷. Neste sentido, a fé que é, de certa forma, “já” possuir aquilo que aguardamos, torna-se esperança, presentificação, na atualidade, na *congregatio fidelium*. Essa esperança motiva e incentiva, de modo especial, o compromisso de viver a vida eterna no presente, realizando a santificação pessoal e coletiva, na qual Deus destinou o seu povo santo²⁸⁸.

Por isso, o “já” e o “ainda não” da esperança plena, que perpassam a vida cristã, repousam na comunidade de fé, tornando-se elementos fundamentais da índole escatológica da Igreja peregrina. Por essa razão, afirma-se que o “já” e o “ainda não” implicam-se na índole escatológica da Igreja, porque a realidade “já” iniciada não se esgota na graça visível que recebem os fiéis nos sacramentos e na liturgia. À guisa de conclusão, podemos dizer que a tensão entre o “já” e o “ainda não” da plenitude da salvação implica, na vida do fiel, uma orientação escatológica em direção ao futuro²⁸⁹.

²⁸⁷ Cf. Bento XVI. *Spe Salvi*. São Paulo: Loyola/Paulus, (2007) n. 24-40.

²⁸⁸ Cf. Lina BOFF, “A *Spe Salvi* Sugere o Vaticano II? Do Continente da Esperança”. In: *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, fasc. 271, (2008) pp. 653-655.

²⁸⁹ Cf. FORTE, B. *La Chiesa nella Eucaristia*. op. cit., pp. 354-356.

4.4. A tensão escatológica do “já” e do “ainda não” na Igreja

A escatologia presente na Constituição sobre a Igreja traz consigo uma forte presença da tensão escatológica entre o “já” iniciado e o “ainda não” realizado da plenitude da salvação. Neste horizonte, a Igreja peregrina caminha para a realização plena das promessas do novo céu e da nova terra. Assim, o Povo de Deus, como herdeiro das promessas do Antigo Israel, peregrina rumo à prometida consumação da esperança em Cristo. Essa certeza de ser herdeira das promessas de Israel provoca uma tensão escatológica, pois vive entre a presença do Espírito – que a autoriza como herdeira – e a segunda vinda do Senhor, que chama a confiar nas promessas messiânicas²⁹⁰.

A realidade entre o “já” e o “ainda não” cria um dinamismo, o qual o Concílio denominou de índole escatológica, inspiradora e motivadora da caminhada terrena da comunidade cristã²⁹¹. Neste sentido, podemos dizer que, no caráter escatológico, os Padres recordam a realidade provisória da Igreja, apontando sua natureza última: ser sinal e sacramento da plenitude da esperança. Essa índole escatológica, como anelou o Concílio, demonstra o sinete indelével de sua missão e natureza. A Igreja “já” foi introduzida no tempo final da história e, vivendo entre as criaturas que passam, é sinal da realidade que não passa²⁹².

Os Padres conciliares, falando da consumação e restauração de todas as coisas em Cristo, deixam transparecer a imagem da Igreja como sinal e instrumento da plenitude da graça. Ela não somente fala da graça, mas “já” a vive na fé, na liturgia, nos sacramentos, na santidade e na caridade. A comunidade de fé é chamada à santidade pelas promessas de Cristo, e vai, a cada momento

²⁹⁰ Cf. LAURENTIN, R. *L'enjeu Du Concile: Bilan de la troisième session*. op. cit., pp. 29-31.

²⁹¹ A perspectiva escatológica da Igreja como tensão ou índole para o fim último é uma realidade que se pode denominar nova, em relação ao ensino clássico da doutrina sobre os “novíssimos”. Esse pensamento que perfaz todo o Concílio é uma renovação, pois alude sobre a escatologia inserindo-a com a vida concreta da Igreja peregrina, e não apenas como uma realidade obscura, envolto num véu de segredos incomensuráveis. Cf. DE LUBAC, H. *Paradoxo e Mistério da Igreja*. op. cit., pp. 78-84.

²⁹² Cf. LG 48.

histórico, conformando-se à esperança de um dia chegar à plena estatura do seu fundador e fundamento.

É importante notar que a inserção do caráter escatológico dentro da Carta Magna *Lumen gentium* aponta para a tomada de consciência dos bispos acerca da missão da Igreja, em viver, antecipadamente, a experiência do Ressuscitado; e, nesse ínterim, ela “já” colher, mesmo que imperfeitamente, enquanto peregrina, os bens prometidos na consumação final. Tal índole projeta o Povo de Deus na história humana como instrumento de salvação; como sacramento da presença da graça de Jesus na história e no cosmo²⁹³.

A realidade escatológica da vocação eclesial principia, portanto, nesta realidade terrenal, e vai além dela, porque a meta não é a Igreja, mas a plenitude da Salvação. O Povo de Deus, nascida da experiência do ressuscitado está sempre em marcha rumo ao *Éschaton*. Sua vocação configura-se, à guisa de explicação, em um peregrinar constante ao encontro definitivo do Senhor. Essa tensão nasce como fruto do caráter escatológico, porque ela, como povo eleito, caminha para a terra prometida, entre sua esperança iniciada e a plenitude “ainda não” consumada²⁹⁴.

Podemos dizer que a situação da Igreja revela um caráter paradoxal, pois aponta para um futuro “já” começado; algo permeado de uma unidade “já” presente na diversidade das experiências; como algo que toca a realidade esperada sem esgotá-la. Em outras palavras, a índole parte do esperado “já” iniciado, mas “ainda não” plenamente consumado.²⁹⁵ O texto da *Lumen gentium* manifesta que a

²⁹³ Essa realidade elencada pelo Concílio provocou uma nova e rica visão da comunidade cristã. Ela que “já” vive aqui na terra os sinais do reino é convocada a trabalhar para que esse ideal alento nos corações humanos. A vida peregrina é um apelo para olhar para o alto, em que, de fato, estão as verdadeiras alegrias, mas sem, no entanto, deixar de realizar as obras que Deus Pai nos manda construir. Cf. LG 48; Lina BOFF. “Índole Escatológica da Igreja Peregrinante”. op. cit., pp. 9-31; POZO, C. *Teologia del mas Allá*. op. cit., p. 548; KLOPPENBURG, Frei B. *Concílio Vaticano II*. op. cit., p. 14.

²⁹⁴ A tensão escatológica apresentada pelo *Lumen gentium* elenca as bases fundamentais para se falar de uma comunidade peregrina que é sinal visível da realidade “ainda não” plenamente realizada. Cf. KOCLEGA, J. *L'indole Escatologica della chiesa: La prospetiva “già e non ancora” della pienezza del nuovo popolo di Dio nel capitolo VII della Lumen gentium*. op. cit., 30-46.

²⁹⁵ Cf. POZO, C. *Teología de lo más allá*. op. cit., p. 548; KLOPPENBURG, Frei B. *Concílio Vaticano I*, op. cit., pp. 14-17; Lina BOFF. “Índole Escatológica da Igreja Peregrinante”. op. cit., pp. 9-31.

Igreja é obra maravilhosa de Deus que atua, pela ação do Espírito, nos séculos, a fim de unir em Cristo uma grande família, o Povo de Deus, até que chegue o tempo da consumação de todas as coisas²⁹⁶. A teologia contida no sétimo capítulo traz presente a tensão de “já” ser justificada e “ainda não” possuir plenamente a santidade, que é selo perfeito da vida nova. A Igreja, segundo a doutrina dos Padres conciliares, carrega consigo, necessariamente, uma fase transitória. Essa fase peregrina é aquilo que aponta a esperança final. Nesta etapa da história, ela vive “já” a santidade, mesmo sem ter alcançado a plena maturidade da fé-esperança. Essa dialética, como enfatizamos no início do capítulo, comporta uma tensão escatológica, que não é contradição, nem obstáculo à compreensão do papel da comunidade de fé, mas, ao contrario, é aquilo que exprime sua vitalidade, aspirações, esperanças e constante renovação²⁹⁷.

4.4.1. O “já” iniciado da plenitude da salvação implica a índole escatológica da Igreja

A Igreja, como Povo de Deus, vive no último período da história da salvação e, segundo *Medard Kehl*, caminha com base no fim, pois, mesmo estando presente nas realidades históricas, tem como meta é o Pai²⁹⁸. Isso significa dizer que ela recebeu um encargo muito particular, pois ela é uma comunidade voltada para Deus Pai. Seu ofício tende a reunir todos os povos para a consumação final de todas as coisas por Cristo, no Espírito Santo²⁹⁹. Essa consumação “já” foi iniciada e pressupõe um desfecho. Tal referencial pode ser

²⁹⁶ Cf. MOLINARI, P. “A Índole Escatológica da Igreja Peregrinante e suas Relações com a Igreja Celeste”. op. cit., pp. 1136-1137.

²⁹⁷ A tensão dialética para o fim em Deus como índole escatológica da Igreja está bem elaborado na escatologia pós-conciliar, sobretudo, na perspectiva da abertura e do diálogo da escatologia com as demais ciências teológicas. Cf. CENCI, A. M. *L’aldilà è una certezza, Vigodarzere: Centro de Editoriale Cattolico Carroccio, 1994, pp. 20ss*; GUTIÉRREZ, M. J. *La Esperanza de la Vida, introducción a la Escatología Cristiana*, Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 1982, pp 151ss; POZO, C. *Teología de lo más allá*. op. cit., p. 548; MOLINARI, P. “A Índole Escatológica da Igreja Peregrinante e suas Relações com a Igreja Celeste”. op. cit., pp. 1332.

²⁹⁸ Cf. KEHL, M. *A Igreja*. op. cit., p.86.

²⁹⁹ cf. LG, 2.

sentido, concretamente, na pessoa de Jesus Cristo, como Aquele que primeiro experimentou a salvação.

O Reino, “já” presente nas palavras de Cristo, sobretudo na sua ressurreição, vai direcionando a comunidade de fé à consumação da esperança. A correspondente relação entre salvação “já” iniciada e “ainda não” consumada é formulada, muito limpidamente, na expressão conciliar “*germe ou início deste reino na terra*”³⁰⁰. Por isso, é sacramento universal de salvação. Neste sentido, o Povo de Deus antecipa real-simbolicamente essa esperança última, em todo seu conteúdo de sentido, justiça e verdade. Ao seguir Jesus ela “já” pode ser na história um sinal antecipatório da plenitude da Esperança.

O “já” iniciado da plenitude da salvação implica a índole escatológica da Igreja, porque, na condição dialética entre o anunciado na história que continua e o definitivo amor de Deus, o qual convida a caminhar rumo à vitória, fica evidente um movimento paradoxal, a que *Karl Rahner* definiu como o “*estar na meta e rumo à meta*”³⁰¹.

Essa experiência de “já” antecipar a graça, como expressão do reino presente, faz parte fundamental da comunidade cristã. Ela é como que cumprimento das promessas antigas, na qual o Povo de Deus é sinal da eterna aliança. Mas esse antecipar implica um “ainda não”, um definitivo, ou seja, a consumação. Assim, a esperança implica um futuro, “ainda não” alcançado. esperança que se efetiva na realidade da Igreja peregrina³⁰².

A vida futura “já” presente na vida dos batizados determina o itinerário da índole escatológica, pois a realidade última perfila a trajetória e a meta da comunidade. Nesse sentido, a comunidade cristã “já” vive o chamamento de

³⁰⁰ LG, 5

³⁰¹ RAHNER, K. *Kirche und Parusie Christi*. In: *Sch. Z. Th VI, Eisedelr*: 1965, pp. 348-367.

³⁰²Cf. KOCLEGA, J. *L'indole Escatologica della chiesa: La prospetiva “già e non ancora” della pienezza del nuovo popolo di Dio nel capitolo VII della Lumen Gentium*, op. cit., pp. 35-37.

Cristo à santidade, porque, vivendo à luz da Nova Aliança, caminha segundo os seus critérios³⁰³, pois “já” se encontra dentro do mistério final da salvação³⁰⁴.

Essa consciência eclesial, que foi bem afirmada pelos padres no Concílio, reacendeu, no homem atual, aquele ardente desejo, das primitivas comunidades cristãs, da *Parusia* do Reino: “*já chegou para nós, portanto, a última fase dos tempos (cf. 1Cor 10,11), a renovação do mundo está irrevogavelmente decretada e vai-se realizando de certo modo já neste mundo: de fato, a Igreja possui já na terra uma santidade verdadeira, embora imperfeita*”³⁰⁵.

Pode-se notar que a intenção dos Padres era levar a Igreja a tomar consciência da sua índole futura, e de que seu chamamento missionário nutre-se dessa visão do cumprimento escatológico. O Povo de Deus, como sacramento da salvação e sinal da unidade entre a trindade e os fiéis, possui uma realidade profundamente escatológica, pois manifesta um caráter indiviso entre a esperança vivida na fé e o novo céu e a nova terra prometidos. É por causa disso que o Concílio atesta a união da Igreja peregrina com a Igreja celeste. A esperança implica uma lógica de continuidade e, portanto, implica um “ainda não”³⁰⁶.

Essa presente tensão é perceptiva na constatação de que a Igreja é santa, naquilo que são os sinais visíveis da graça, mas ao mesmo tempo, é uma comunidade de pecadores, vivendo entre o chamado à santidade e a sedução do pecado. Essa tensão constitutiva do tempo da peregrinação somente se consumará “*quando chegar o tempo da restauração de todas as coisas (cf. At 3,21), e*

³⁰³Cf. POZO, C. *Teología de lo más allá*. op. cit., p. 548; KLOPPENBURG, Frei B. *Concílio Vaticano II*. op. cit., p. 14; Lina BOFF. “Índole Escatológica da Igreja Peregrinante”. op. cit., pp. 9-31.

³⁰⁴ Cf. *Ibid.*, p. 548

³⁰⁵ LG, 48c.

³⁰⁶ A experiência da graça, que acontece “já” na Igreja peregrina, o Concílio denominou de sinal escatológico e sacramento da íntima união de Deus com todo gênero humano. Como bem sabemos, todo sacramento aponta para uma realidade maior que ele mesmo, ou seja, fala de uma realidade não presente, mas sentida nos sinais sacramentais. Ora, ao comparar o mistério e a missão da Igreja como sinal, instrumento e sacramento da salvação última de Deus, os Padres conciliares demonstram a continuidade da Igreja e seu necessário desenvolvimento (aggiornamento) para o Reino. Cf. LAVATORI, R. *Il Signore verrà nella Gloria: L'escatologia Allá luce del Vaticano II*. op. cit., pp. 35-48.

quando com o gênero humano, também o mundo inteiro, que está unido intimamente ao homem e por ele, atingir seu fim...”³⁰⁷.

4.4.2. O “ainda não” da plenitude implica a índole escatológica da Igreja

A Igreja, que vive na última etapa da história da salvação, continua, ao mesmo tempo, peregrina, rumo à consumação “ainda não” atingida na sua realidade terrena. A impostação dessa esperança definitiva impele a Igreja a viver na tensão do “ainda não” da plenitude da salvação³⁰⁸. A meta da Igreja é ser germe do Reino e sinal escatológico da esperança final. Por isso, a tensão do “ainda não” do cumprimento escatológico não é para ela uma questão acidental, mas faz parte da raiz íntima de sua estrutura e natureza³⁰⁹. A comunidade caminhante experimenta na espera da plenitude da esperança em Cristo, a realização das promessas messiânicas do novo céu e da nova terra. Com isso, ela vive a caminho, em marcha para a esperança em direção à plena restauração de todas as coisas em Cristo.

O Concílio deixa bem clara a tensão escatológica do “ainda não” da esperança, quando afirma que a Igreja, na qual somos todos chamados em Cristo à santidade, pela força do Espírito Santo, somente chegará a seu cumprimento na glória do céu, quando vier o tempo da restauração. Ora, assim falando, os Padres conciliares entreveem, na estruturada a comunidade de fé, uma realidade “ainda não” alcançada³¹⁰.

³⁰⁷ LG, 48a.

³⁰⁸ Cf. MOLINARI, P. “A Índole Escatológica da Igreja Peregrinante e suas Relações com a Igreja Celeste”. op. cit., pp. 1136-1137.

³⁰⁹ Cf. LAVATORI, R. *Il Signore Verrà nella Gloria: L’escatologia alla luce del Vaticano II*. op. cit., pp. 48-50.

³¹⁰ Cf. KOCLEGA, J. *L’indole Escatologica della chiesa: La prospettiva “già e non ancora” della pienezza del nuovo popolo di Dio nel capitolo VII della Lumen gentium*. op. cit., pp. 50-56.

A tensão escatológica do “ainda não” da esperança invade o “já” presente da salvação, pelo fato da Igreja peregrina caminhar em meio às figuras deste mundo, realizando em sinais e sacramentos a graça de Deus, manifestada na vida de Jesus Cristo. Assim, o “ainda não” da salvação está, intimamente, unido ao “já” da esperança. A salvação ganha forma aqui na realidade peregrina, mas que se estende infinitamente para Deus. Neste aspecto, o “já” descreve a proximidade da salvação, mas, ao mesmo tempo, revela uma dimensão futura na consumação final. Isso significa que o “já” aponta, inexoravelmente, para uma “ainda não”. Dessa forma, a salvação é um presente e um futuro que “já” está sendo realizado³¹¹.

Na perspectiva da espera escatológica do Povo de Deus, rumo à consumação e restauração de tudo em Cristo, a Igreja encontra motivação para desenvolver sua missão³¹². Ela na sua caminhada, sob a proteção e a guia do Espírito, inspira e anima seus membros a caminharem para a plenitude da esperança sem, no entanto, descuidarem das obrigações inerentes à vida cristã. Por ter consciência de “ainda não” possuir a plenitude da esperança, a Igreja infunde no coração de seus membros o desejo de progredir no conhecimento e no amor de Deus. Sem a certeza do “ainda não” das promessas escatológicas, a Igreja perderia seu dinamismo e vitalidade. A renovação depende da tensão que envolve o “ainda não” da esperança escatológica³¹³.

Assim, os membros do Corpo de Cristo desejam estar onde vive a Cabeça. Querem habitar onde mora o seu Senhor e Mestre. Essa é a esperança messiânica que determina o peregrinar da comunidade cristã. O “ainda não” é, portanto, uma dimensão real e necessária na presente condição da Igreja, porque o “ainda não” da plenitude implica a índole escatológica e propõe uma espera confiante e segura³¹⁴.

³¹¹ Cf. KÜNG, H. *La Iglesia*. op. cit., pp. 88-90.

³¹² Cf. KLOPPENBURG, Frei B. *A Natureza e a Missão da Igreja*. op. cit., pp. 801-802.

³¹³ Cf. POZO, C. *Teología de lo más allá*. op. cit., pp. 510- 514.

³¹⁴ Cf. DE LA PEÑA, J. L. RUIZ. *L'otra Dimensión: escatología cristiana*. op. cit., pp 177-179.

A esperança cresce e desenvolve, à medida que a experiência da graça é sentida. Por isso o “já” da esperança predispõe um “ainda não”, porque é na vivência da graça que caminhamos confiantes, rumo à sua plenitude. A esperança do “ainda não” se fundamenta no “já” alcançado³¹⁵. É na vivência histórica da salvação que anelamos e trabalhamos por alcançar aquilo que ainda falta. Portanto, o “já” é profecia do “ainda não”, ou seja, sem a experiência da graça, aqui neste mundo, torna-se vazio o discurso do “ainda não” na escatologia. O “já” é profético, porque exige uma vida centrada na construção das condições necessárias para que o “ainda não” possa, de fato, efetivar-se na vida da Igreja no final dos tempos.

O tempo da restauração “já” iniciou e caminha para o seu fim e, quando chegar o tempo da consumação final, a Igreja atingirá seu objetivo. No face a face, em que a profecia desaparecerá, restará somente o amor de Deus. Mas até o presente momento a Igreja caminha neste mundo, como continuadora da obra redentora de Cristo, participando da graça do Mestre, pela presença do seu Espírito no meio dela. Ela vive no presente em marcha para o futuro “ainda não” plenamente realizado. Nessa tensão, ela se conforma com a imagem de Jesus, chamada a transmitir pelos sinais sacramentais a presença do Reino³¹⁶. Assim podemos inferir que a situação do Povo de Deus é ser, no “ainda não” da esperança, uma comunidade escatológica que torna visível as bases desta esperança. Tal situação implica uma índole escatológica do começo ao fim.

Essa tensão nós a sentimos mais abundantemente na força da presença eucarística. Por meio dela, a Igreja atinge, mais expressamente, o cerne desta esperança, pois, na Eucaristia está Cristo todo presente em forma sacramental. Por meio do Corpo e do Sangue de Cristo o Povo de Deus é fortalecido a confiar e a aguardar com firmeza a segunda vinda do Senhor. Enquanto aguardamos a sua vinda, no Memorial de sua morte e ressurreição, recordamos que a vitória está garantida. Por isso, a Eucaristia comporta, por excelência, um “já” e um “ainda não” que apontam à plenitude da salvação.

³¹⁵ Cf. . NOCKE, F. J. *Escatologia*. op. cit., pp. 30-32.

³¹⁶ Cf. KEHL, M. *A Igreja*. op. cit., pp.86-87.

4.5. A Eucaristia como sinal escatológico entre o “já” e o “ainda não” da plenitude da salvação

A dimensão escatológica da Eucaristia é central no entendimento da natureza da Igreja, pois a presença de Cristo ressuscitado abre um horizonte real na visibilidade da verdade acerca da vida plena, da promessa escatológica e do banquete final. Essa possibilidade chega pela Eucaristia, em que *“o ressuscitado se aproxima de nós por um gesto simbólico e genial, que é dar-se a si mesmo como alimento para levar-nos à comunhão de vida plena em Deus”*³¹⁷. Para Lina Boff, *“o Cristo ressuscitado, na eucaristia, apodera-se do pão e do vinho e os incorpora à sua própria realidade constituída como corpo/alma gloriosos, plenamente tomados pelo sentido último da vida humana plasmada para desabrochar plenamente no ressuscitado como Enviado do Pai, pela força do Espírito Santo”*³¹⁸. Neste sentido, a Eucaristia comporta um caráter eminentemente escatológico que irrompe da experiência salvífica de Jesus. O Memorial eucarístico celebrado todos os dias exprime, então, uma real participação na vida da graça, pois a Eucaristia, estando vinculada à própria realidade de Cristo, une quem dela se aproxima aos merecimentos do Senhor, e, portanto, à sua realidade na graça divina. Por isso, quem comunga do corpo de Cristo, possui a vida nele e vive dele.

A Eucaristia, no sentido acima exposto provoca a tensão escatológica, pois nela a vida futura é tocada e vivenciada sacramentalmente. Por isso, o banquete eucarístico é real inserção na vida da graça. Ele é a expressão mais concreta da tensão escatológica do “já” e do “ainda não” da plenitude da salvação. Desta forma, a Igreja peregrina vive constantemente na tensão entre a primeira e a segunda vinda do Senhor; pois, neste tempo ela “já” celebra a Eterna Aliança em

³¹⁷ Lina BOFF. “A Dimensão escatológica da eucaristia”. In: COSTA, P. C. (org.), *Sacramentos e Evangelização*, São Paulo: Loyola, 2004, p. 161.

³¹⁸ Cf. *Ibid.*, p. 161.

forma de espera nos sinais sacramentais. A certeza de “já” iniciar a celebração dos bens prometidos plenamente para o fim dos tempos faz acender a esperança no “ainda não” realizado, e portanto, na espera escatológica. Neste sentido, a liturgia eucarística une o discurso entre o “já” iniciado e o “ainda não” cumprido e fazendo fundir-se numa participação real todos os membros de Cristo. Assim, a vida futura se abre no Memorial eucarístico como certeza na promessa de Cristo em continuar conosco até o fim dos tempos. A ação litúrgica, neste intento, torna-se o ponto culminante, como se afirma na *Sacrosanctum Concilium 10*: “A liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda força”³¹⁹.

Na realidade sacramental do novo Povo de Deus está presente a perspectiva do “já” e do “ainda não” da plenitude escatológica, que constitui uma força propulsora capaz de conduzir cada fiel rumo ao Cristo glorioso. A Eucaristia como presença do “já” e do “ainda não” desta espera final conjuga-se como centro vital e dinâmico do cristianismo. Por isso, uma Igreja que falta Eucaristia é uma comunidade sem dinamismo. A Eucaristia pela sua estrutura próprio de ser o sinal mais eficaz da presença de Cristo, é também a forma mais eficiente de expressão da natureza escatológica da Igreja e, por isso, na assembleia eucarística a índole escatológica torna-se visivelmente presente, porque é uma comunidade que reza e deseja associar-se, pelo banquete eucarístico, à Jerusalém celeste!

Assim, pode-se perceber que na Eucaristia estão implicados tanto o “já” como presença real do ressuscitado no agora da comunidade, como o “ainda não” da esperança final. Pela presença de Cristo, na força do Espírito Santo celebra-se o banquete como *zikkarôn*, atualizando e antecipando o banquete celestial. Por isso mesmo, que para *Bruno Forte* a Eucaristia é degustar antecipadamente da liturgia celeste como glória futura e participação na comunhão perfeita da santíssima Trindade³²⁰. Pela Eucaristia, a Igreja se une, mais intimamente, a Cristo até o momento da plena união no céu. Na Eucaristia, celebra-se a perfeita comunhão e

³¹⁹ SC, 10.

³²⁰ Cf. FORTE, B. *La Chiesa nella eucaristia*. op. cit., pp. 306-311.

comunicação das realidades salvíficas: “*quem comer desse pão viverá eternamente*” (cf. Jo 6,51).

A função, portanto, da Eucaristia é, sobretudo, aquela de unir em Cristo cada fiel, no momento presente com a espera futura da segunda vinda do Senhor. Por isso mesmo, na Eucaristia celebra-se perfeitamente a comunhão dos santos na Santíssima Trindade³²¹. Na Eucaristia, toda a Igreja, quer seja a peregrina ou a celestial, encontra seu lugar com Cristo na história da salvação. A Eucaristia torna-se *mysterium fidei*, porque exprime em termos particulares a espera e a realidade da salvação. Deste ponto de vista, a tradição litúrgica, na qual põe o acento sobre a Eucaristia não afeta de forma nenhuma a tradição catequética segundo a qual o mistério principal da fé está sustentado sobre a *mysterium Trinitatis* e sobre a encarnação do verbo. Isto porque esses elementos da tradição ajudam a compreender cada vez mais o plano divino da salvação³²².

Assim, a Eucaristia como alimento deixado por Cristo não é memória de um fato do passado, mas selo que antecipa no tempo da peregrinação aquilo que aguardamos com fé e confiança como prêmio final. A participação na Eucaristia colocar-nos num tempo kairótico, em que tudo converge para a plenitude em Deus. Por isso, o banquete eucarístico pressupõe um “ainda não” realizado, um progresso rumo à meta que é o banquete final no Reino definitivo.

4.5.1. O banquete eucarístico pressupõe a Ceia final no Reino definitivo

Para o Concílio Vaticano II, a Eucaristia é o centro da vida cristã, e a dimensão predominante no crescimento da Igreja³²³. Todos os outros sacramentos,

³²¹ Cf. WERBICK, J. La Chiesa. Un progetto ecclesiologicalo per lo studio e per la prassi. op. cit., p. 90.

³²² Cf. RUFFINI, E. verbete: *Eucaristia- Spiritualità di un Mistero*. op. cit., pp. 601-605.

³²³ O Papa João Paulo II afirmou na Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, que a Igreja nasce da eucaristia e que se organiza a partir dela. Portanto, para o Papa, a eucaristia edifica a Igreja. Ora, essa afirmação comporta uma dimensão escatológica, porque a partir do momento em que a

de certa forma, caminham para ela e culminam nela. A Eucaristia, neste sentido, é totalizante e finalizante, tanto em relação ao conjunto dos sacramentos, como em relação a toda celebração litúrgica, na sua dimensão mais ampla e mais abrangente. O Concílio salientou isso ao dizer que o *officium laudis* no fundo brota do *sacrificium laudis* do altar³²⁴, como sua dilatação e prolongamento³²⁵, porque, pela Eucaristia, a assembleia peregrina, “já” vive e participa da unidade escatológica do Senhor, uma vez que, pela oração da santa liturgia, Cristo penetra mais visivelmente na sua Igreja, e cada fiel participa desde agora da comunhão com Deus em Cristo em unidade com todos os membros que são de Cristo³²⁶.

Como está expresso no sétimo capítulo da *Lumen gentium*:

vivemos de maneira eminente a nossa união com a Igreja celeste, especialmente quando na sagrada liturgia, na qual a virtude do Espírito Santo age sobre nós mediante os sinais sacramentais, celebramos juntos, em fraterna alegria, os louvores da majestade divina, e quando todos os resgatados pelo sangue de Cristo, de todas as línguas, povos e nações (cf. Ap 5,9) reunidos numa única Igreja, glorificamos o Deus uno e trino com o mesmo cântico de louvor. É ao celebrarmos o sacrifício eucarístico, que mais unidos estamos ao culto da Igreja celeste, numa só comunhão com ela e venerando em primeiro lugar a memória da gloriosa sempre Virgem Maria...

Eucaristia é o centro da vida cristã é o próprio ressuscitado quem sustenta a unidade da Igreja e garante a esperança final. O banquete eucarístico toma forma de antegoço do Senhorio definitivo de Cristo em todo os membros, quando ele será tudo em todos. Cf. LG, 3; João Paulo II, *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*, 13ª edição, São Paulo: Paulinas, 2006, n.21; sobre o assunto da relação entre eucaristia e Igreja convém uma análise do texto PADOIN, G. *O Pão que darei: O sacramento da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1999, pp. 311-353.

³²⁴ Para o Concílio, a raiz da comunidade cristã esta edificada na celebração da Santíssima Eucaristia e a partir dela deve começar toda formação do espírito comunitário. Portanto, as bases comunidade de fé não se sustentam sem a Eucaristia. Cf. PO, 6; SC, 10.

³²⁵ Cf. VISENTIN, P. *Eucaristia: Origem e Evolução da celebração eucarística*. op. cit., pp.395-397.

³²⁶ Podemos afirmar, assim, que a Eucaristia é o baluarte da vida espiritual da Igreja, pois ela comporta todo um organismo espiritual inesgotável. Nela estão presentes tanto a graça, como as virtudes do Espírito Santo, como faculdade sobrenatural que opera na promanação dos frutos sobrenaturais da salvação. Neste sentido, o sacramento da Eucaristia representa e realiza a unidade escatológica da Igreja. Ela é o sacramento que melhor exprime a dinâmica da tensão escatológica. E porque a Eucaristia esta emprenhada de Deus, ela eleva quem dela se aproxima para dentro da eternidade de Deus. Daí que ela é sempre sinal do presente e do futuro de Cristo na Igreja. Presente porque eterniza em sacramento o que o homem será no futuro, e futuro porque sempre essa proximidade de Deus nos aparece envolvida num véu sacramental que ao mesmo tempo que se mostra vela a totalidade do *mysterium fidei*. Cf. LIBÂNIO J. B. & BINGEMER, M. C. L. *Escatologia Cristã: O Novo Céu e a Nova Terra*. Tomo X, série III: A libertação na história, Petrópolis: Vozes, 1985, pp. 124-135; CROCE, V. *Allora Dio Sarà tutto in tutti: Escatologia Cristiana*. op. cit., pp. 223-227.

Para os Padres conciliares na liturgia eucarística recorda-se todo o desenvolvimento da história da salvação e ao mesmo tempo “já” se penetra no *mysterium* futuro da vida plena, que “ainda não” se alcançou definitivamente. Nisto, a santa liturgia eucarística é para a Igreja um antecipar da plenitude “ainda não” realizada, mas certa e garantida. O banquete eucarístico abre a vertente para a realização escatológica da esperança na plenitude do Reino³²⁷, porque é Deus mesmo que se faz pão do céu para todos.

Pela certeza de que a Igreja “ainda não” alcançou a perfeição a qual está chamada a viver nos fins dos tempos, ela peregrina em meio ao banquete eucarístico, aguardando a sua total imersão no mistério do Reino. Sendo certo que pela Eucaristia vive, antecipadamente, aquilo que lhe está reservado no *Éschata*, caminha, vivendo, em certo sentido, as alegrias futuras. É exatamente por isso que o significado da Eucaristia é ser sinal antecipatório dos frutos do Reino. Assim, no banquete eucarístico, as pessoas são impelidas a viver radicalmente os valores do Reino. Tomam posse, de certa forma, da graça e da santificação, próprias dos tempos finais. Por essa razão, na comunhão da Ceia do Senhor a comunidade escatológica, iniciada por Cristo, sente-se chamada a experimentar a plenitude da glorificação.

Tomando consciência de que a pátria final não é aqui e que a Igreja não alcançou, ainda, tudo para o qual foi chamada a viver – ou seja, a glória do céu, a restauração de todas as coisas e a unidade do cosmo e do homem em Cristo –, todos os membros do Corpo Místico de Cristo vivem com responsabilidade e compromisso a fé na espera dos bens prometidos. A obra da plenitude da esperança leva-nos a aguardar confiantes a promessa do Senhor: enquanto esperamos a sua vinda, anunciamos a sua morte e ressurreição presentes no *Mysterium Eucharisticum*³²⁸. A Eucaristia transforma-se em alimento que

³²⁷ Cf. GHERARDINI, B. *La Chiesa arca dell'alleanza. La sua genesi Il suo paradosso i suoi poteri Il suo servizio*. teologia 6, Roma: Pontificia Università Lateranense, Città nuova, 1979, pp 60-65.

³²⁸ Cf. MISSAL ROMANO, *Oração Eucarística III*, op. cit., pp. 483-487.

fortalece e anima a esperança, porque vivenciando em forma sacramental e degustando agora a alegria do banquete eterno encontramos alento na caminhada rumo a Deus.

A dimensão escatológica da Eucaristia encontra-se, exatamente, na capacidade que ela possui de unir mais concretamente o presente e o futuro da índole escatológica da Igreja. A assembleia peregrina, por não estar plenamente de posse da salvação futura e viver na espera da plenitude escatológica, encontra-se na tensão de ser portadora da graça visivelmente presente nos sacramentos, principalmente, na Eucaristia e, ao mesmo tempo, confia que essa alegria terrenal não termina aqui, mas se abre infinitamente e de forma mais plena na eternidade de Deus, em que o banquete escatológico não tem fim.

Assim, a Igreja, cônica de sua natureza escatológica, ao mesmo instante, aguarda esse tempo derradeira, “já” vivendo na história atual parte daquele banquete celeste do Cordeiro de Deus reservado para o futuro. Para os teólogos *J. Batista Libânio* e *Maria Clara Bingemer*, a Eucaristia como antecipação do Reino é ressurreição na vida das pessoas, que corresponde a uma vida digna, sem injustiça, sem guerra e sem fome. Essa nova ordem social corresponde a elementos deste “já” da salvação, mesmo que ainda falte a plenitude de tudo isso. A antecipação do Reino não é remendo de retalho novo numa velha sociedade, mas uma renovação das estruturas gerais, que aponte para uma viva esperança³²⁹.

Assim, a Eucaristia é o ápice da sacramentalidade da Igreja, momento culminante do evento salvífico, pois comporta de forma concreta as realidades escatológicas de futuro e a presença real de Cristo na história do mundo. Muitas são as maneiras em que a Igreja se torna provedora da salvação, mas como dom do Senhor e resposta do homem à salvação, a Eucaristia toma forma, por excelência, deste sinal escatológico³³⁰. Desta forma, a Eucaristia implica uma viva união com Cristo. Ela como alimento nos une mais intimamente a Cristo.

³²⁹ Cf. LIBÂNIO, J. B. & BINGEMER, M. C. L. *Escatologia Cristã: O Novo Céu e a Nova Terra*. op. cit., pp.100-145.

³³⁰Cf. PADOIN, G. *O Pão que darei: O sacramento da Eucaristia*. op. cit., pp. 190-193.

Porque, ao comungar, pede-se a Deus que nos transforme naquele que recebemos em comunhão. A Eucaristia leva, portanto, a ser um outro Cristo no mundo.

Com tudo isso, entendemos que o banquete eucarístico carrega uma dimensão escatológica, que é fruto da missão da Igreja e, por consequência da sua índole, de ser sinal prefigurado das realidades infinitas que nos espera no *éschaton*. A tensão escatológica da Eucaristia encontra-se no anelar da vinda iminente do reino, presente nas primeiras comunidades cristãs, que se traduziu com o termo *Maranatha!*³³¹ Esse “vem, Senhor Jesus”, presente na assembléia eucarística, faz, da Eucaristia, um banquete da esperança do encontro final com Deus, quando todos os que são de Cristo se sentarão à mesma mesa, formando uma só família.

A Eucaristia, Memorial da páscoa do Senhor, não possibilita apenas um retroceder ao acontecimento primordial do evento salvífico, em que Jesus se entrega livremente para salvação de todos, padecendo a morte e ressuscitando para a glória, mas também abre-se à perspectiva futura, pois enquanto esperamos a vinda do senhor Jesus, cantamos seus louvores. Na verdade, a Eucaristia irrompe o tempo terreno e toca o tempo da graça. Isso porque

*a ressurreição de Cristo já inaugura o novo mundo do futuro e, na humanidade glorificada dele, já começou a transfiguração ‘dos novos céus e da nova terra’ (Ap 21,1). Por isso, desde a primeira geração cristã, participar da Eucaristia queria dizer receber um ‘germe de imortalidade’, um ‘antídoto contra a morte’ um ius ad gloriam também para nosso corpo, um penhor e uma garantia, em suma, da ressurreição-transfiguração final*³³².

Com isso, somos tomados da consciência de que a Eucaristia comporta uma tríplice dimensão do tempo sacramental, ou seja, carrega, em seu bojo, o passado, o presente e o futuro, típico da economia sacramental. Por isso, a Eucaristia não é somente banquete recordativo, mas também antecipativo, porque

³³¹ No catecismo das primeiras comunidades, a chamada *Didaqué*, a oração de agradecimento da assembleia eucarística após a comunhão do corpo do Senhor deixa evidente, com relação ao sentido escatológico desse banquete, que a proximidade do reino e por conseguinte à espera do banquete eterno eram realidades presentes na consciência dos fiéis das primeiras comunidades. . Cf. *DIDAQUÉ*. Col. Patrística, vol. 1 Padres Apostólicos, 3ª edição, São Paulo: Paulus, 2003.

³³²VISENTIN, P. *Eucaristia: Origem e Evolução da celebração eucarística*. op.cit., p. 414.

a Páscoa do Senhor já é vitória segura sobre a morte e o pecado; já é libertação reconciliada de tudo em Cristo. Assim, o momento da Eucaristia torna-se o ápice da unificação de toda a Igreja com seu Redentor³³³. Ela é o ponto mais avançado que a Igreja consegue tocar, mais profundamente, no futuro, para o qual a comunidade de fé é direcionada.

Também, pela Eucaristia, a Igreja é chamada a impregnar de amor o mundo, anunciar o Reino que se antecipa no altar, no banquete em que todos são iguais e convocados ao amor mútuo e solidário, pois, enquanto se celebra na terra o banquete eucarístico, a Igreja mobiliza suas energias para efetivar o Reino já agora nas experiências históricas de cada comunidade espalhada pelo mundo inteiro. É por isso que, para P. Visentin “*toda celebração eucarística é ‘viático’, etapa no caminho da esperança em face da ‘terra prometida’, mas é simultaneamente nova força para encher da glória de Cristo todas as realidades presentes*”³³⁴. Neste sentido, a Eucaristia implica um “já” e um “ainda não” à medida em que se realiza no altar um Memorial que atualiza e expande a salvação de Jesus Cristo em todas as realidades presentes e futuras.

4.5.2. A eucaristia implica a íntima união com Cristo

A Eucaristia, como eixo da vida cristã, é sem dúvida o ponto alto e culminante do encontro com o Senhor Jesus, no qual a Igreja se fortalece e se constrói como edifício visível da presença de Cristo. Nela a comunidade de fé aguarda a segunda vinda de Cristo, manifestada desde “já” na celebração eucarística³³⁵. Para C. Pozo, pode-se entrever na Eucaristia um traço de

³³³ A Eucaristia faz a Igreja porque ela une os fiéis ao seu Redentor. Por meio da Eucaristia a Igreja torna visível ao mundo sua esperança final. O *éschaton* se abre a cada membro do Corpo Místico, que pela Eucaristia se une mais intimamente ao Cristo ressuscitado. Cf. PADOIN, G. *Pão que darei: O sacramento da Eucaristia*. op. cit., pp. 326-347.

³³⁴ VISENTIN, P. *Eucaristi.*, op. Cit., p.414.

³³⁵ Cf. Ibid., pp.395-415.

continuidade da promessa, pois, na primeira vinda, de certa forma, já está implícita também a segunda; e a presença de Cristo na Eucaristia é a possibilidade real desse realização³³⁶. Assim, na Eucaristia “já” se vislumbra a realidade futura.

Isso é claro quando o Concílio afirma:

*Todos, com efeito, os que somos filhos de Deus e constituímos em Cristo uma só família (cf. Hb 3,6), ao unirmo-nos em mútua caridade e louvor uníssono à Trindade Santíssima, realizamos a vocação própria da Igreja e participamos, com gozo antecipado, na liturgia da glória consumada*³³⁷.

A oração eucarística é oportunidade, por excelência, de encontro com Cristo e, por meio dele, na Eucaristia, com a esperança que nos aguarda³³⁸. Neste sentido, a Eucaristia é o “já” do encontro com o Senhor Jesus e com a glorificação que esperamos para os fins dos tempos, e, ao mesmo tempo, o “ainda não” da plenitude da salvação, porque o que vemos e tocamos o fazemos envolto no *mysterium sacramentalis*³³⁹.

Na celebração eucarística, a Igreja peregrina antecipa o encontro com o Senhor Jesus Cristo, pois vive na Eucaristia a expectativa da vinda final do Senhor. O “já” da presença eucarística de Cristo e o “ainda não”, da segunda vinda gloriosa de Jesus, encontram-se interligados na santa liturgia. A unidade destas realidades pressupõe uma dialética tensão escatológica que aponta para um futuro absoluto já presente sacramentalmente. A Parusia é, portanto, realidade já acontecendo na vida diária de cada comunidade³⁴⁰.

³³⁶ Cf. POZO, C. *Teologia del mas Allá*. op. cit., pp. 530-535.

³³⁷ LG, 51b.

³³⁸ Cf. WERBICK, J. *La Chiesa. Un progetto ecclesiológico per lo studio e per la prassi*. op. cit., pp. 251-255.

³³⁹ Para as comunidades primitivas na Ceia do Senhor acontecia o encontro com Jesus glorioso (cf. Lc, 24, 29ss; Jo 20,19ss; At 1, 4-10; 11-46). Nela ocorre a configuração mais íntima dos fiéis em Cristo, pois comer do corpo e beber do sangue do mestre era entrar em comunhão com ele. Disso nasce a unidade e a comunhão de todos em Cristo. Na Eucaristia Jesus ressuscitado reúne definitivamente todos os que são seus: os peregrinos e os que já habitam a Jerusalém celeste. Na Eucaristia forma-se o povo da nova aliança, configurado a Jesus e por ele reconciliado com Deus. Cf. KHEL, M. *A Igreja*. op. cit., pp. 258-264; VISENTIN, P. *Eucaristia: Origem e Evolução da celebração eucarística*. op. cit., pp.395-397; AMBROSANIO, A. *Eucaristia: Il significato dell'eucaristia*. op. cit., pp. 477-470.

³⁴⁰ Na verdade a parusia era para as comunidades primitivas um fato já realizado no passado na ressurreição de Cristo; uma realidade presente já na vida e no testemunho dos cristãos, sobretudo, na reunião da Ceia do Senhor, e um projeto futuro porque se espera a plenitude dos tempo. Por

Por conseguinte, a Eucaristia como antecipação do encontro com Cristo é presença real do Senhor no meio do seu povo. Participar da Ceia do Senhor é unir-se, mais fortemente, ao Salvador. É o momento da particular presença do Senhor e o sinal da unidade escatológica com Jesus na glória. Na Eucaristia, vivenciamos já a unidade com Cristo, porque comemos do seu Corpo e bebemos do seu Sangue, associando-nos à sua existência glorificada no céu. Por essa razão, a liturgia eucarística é o cume da ação da Igreja que nutre e fortifica, mais intimamente, cada fiel no mistério pascal de Jesus³⁴¹. O Concílio já salientou que na liturgia eucarística os fiéis são impelidos a viverem mais perfeitamente a união com Cristo, que ordena todas as coisas ao fim n'Ele³⁴².

Como Cristo vive na Palavra da Igreja, sobretudo, na Sagrada Escritura e está presente nos sacramentos, e de modo real, na Eucaristia, a sagrada Liturgia manifesta Cristo sempre que é exercida em nome, servindo de mediadora entre o Povo de Deus e a graça sacramental Senhor. Aproximar-se da sagrada Liturgia é cercar-se de Jesus, encher-se de seu Espírito e viver com Ele uma relação de intimidade. Na Eucaristia, como momento particular do encontro com o Senhor, alimenta-se a esperança final da vinda gloriosa de Jesus. Assim, podemos concluir que todo momento eucarístico exprime um instante escatológico da esperança final. A Eucaristia é essa força na espera da vinda de Cristo, e, por essa razão, cada vez que a celebramos nos fortalecemos na caminhada para o fim em Deus.

Assim, a Eucaristia torna-se a transparência do evento único e sempre atual do sacrifício de Cristo³⁴³. Exprime a missão da Igreja que consiste em levar o Povo de Deus a experimentar já agora as graças de Cristo, em vista da Jerusalém celeste. Por isso, podemos dizer que a Eucaristia é a máxima tensão dialética entre

isso se entende “o vem senhor Jesus”, proclamado solenemente no final da comunhão. Cf. SESBOUÉ, B. “Le retour Du Christ dans l'économie de la foi chrétienne”. In: AA. VV. *Le Retour du Christ*, Bruxelles. 1983, pp. 121-166; NOCKE, F.J. *Escatologia*. Col. Biblioteca de teología 3, Barcelona: Herder, 1984, pp. 60-64.

³⁴¹ Cf. WERBICK, J. *La Chiesa. Un progetto ecclesiológico per lo studio e per la prassi*. op. cit., pp. 369-375.

³⁴² Cf. SC, 10.

³⁴³ Cf. PADOIN, G. *O Pão que darei: O sacramento da Eucaristia*. op. cit., pp. 240-242.

o presente e o futuro da salvação em Cristo³⁴⁴. Nela, o escatológico consiste na capacidade que tem de unir a Cristo e apontar o banquete final. Assim, comungamos porque desejamos estar mais unidos àquele que é a nossa única e eterna salvação. Com isso, já antecipamos o Reino em dois níveis: na relação com Cristo e na convivência uns com os outros como sinal do Reino definitivo.

4.6. Conclusão

Podemos concluir, até aqui, que a realidade da Igreja inclui uma perspectiva indissociável entre o “já” e o “ainda não” da esperança em Cristo. Essa realidade tanto está presente na vida cristã de cada membro, como também na natureza íntima da Igreja. A tal realidade o Concílio denominou de índole escatológica da Igreja, tensão que articula a promessa e a realidade vivida na graça. Isso acontece porque a Igreja “já” vive dentro da história da salvação, “já” participa da iniciação da plenitude das promessas. Mas, por outra parte, a Igreja caminha peregrinando entre as figuras deste mundo que passa, buscando a prometida salvação final³⁴⁵.

Essa dupla realidade sustenta o dinamismo e a vitalidade da Igreja, pois presentes, ao mesmo tempo, na Igreja peregrina, provocam uma índole escatológica no Povo de Deus, que se torna característica fundamental dos tempos atuais da comunidade de fé. Vivendo na promessa e em busca da promessa última, a Igreja toma consciência que não pode descuidar de sua missão: manifestar Cristo ao mundo. A infidelidade à sua natureza pode fazê-la perder a sua identidade cristã, não somente por deixar de ser sinal escatológico do Reino, mas, como também, por perder seu referencial.

³⁴⁴ Cf. MARINELLI, F. *L'eucaristia presenza del Risorto: per la Chiesa e la storia degli uomini*. Bologna: paoline, 1995, p. 150.

³⁴⁵ Cf. LG, 48a.

A tensão escatológica entre o “já” e o “ainda não” é elemento transversal na vida da comunidade de fé, pois exprime seu referencial último e, portanto, seu objetivo. Uma Igreja que primasse somente pelo “já” da salvação cairia numa luta “social” desconectada do Reino. Por outro lado, uma Igreja que primasse somente pelo “ainda não”, esquecendo-se de viver a graça, na vida real, tornaria seu discurso sobre o Reino algo vazio e sem referencial concreto. Assim, a tensão escatológica como realidade íntima da Igreja, salientada pelos Padres conciliares, faz parte da natureza irrevogável da Igreja.